

A experiência do poder e seus efeitos

Henrique Figueiredo Carneiro

v

O poder passa necessariamente pela experiência. Nesse sentido o terreno da psicopatologia fundamental encontra nessa passagem entre a posição e a experiência, elementos importantes do pathos, na medida em que desde cedo o sujeito fica marcado com a condição de limites, como uma experiência que insiste em se apresentar inclusive pelo esquecimento. Entretanto o esquecimento descortina no interstício que se deflagra, uma função em tudo aquilo que conhecemos a partir do sintoma, dos sonhos e dos atos. Limites que convocam o sujeito a transgredir. Transgressão que adianta a condição de gozo irrevogável do sujeito.

Com essa entrada, situamos a linha central deste número do Latin American Journal of Fundamental Psychopathology on line, para destacar que a experiência do gozo enlouquece. Ao mesmo tempo em que, sem ele o sujeito não baliza o limite que poderia indicar seu lugar dentro do espaço dos laços sociais estabelecidos. Em outras palavras, a experiência do poder pode deslocar diametralmente a posição do sujeito e com isso desencadear os efeitos emergenciais que aparecem sob os raios da violência, sem que um louco entre em cena e sim a loucura. Este dado de grande importância aponta que a posição do sujeito responde a uma série de convocatórias que se estabelecem em

um dado momento entre os limites, os discursos, e a resposta imprevista, como já nos indicava René Magritte no quadro homônimo e que expressa o que Freud acentuou em 1930 ao destacar que uma das fontes de mal-estar deriva das relações entre as pessoas.

Assim, há uma relação que se estabelece entre o poder e a vulnerabilidade psíquica que pode ser extraída do autoritarismo afetivo e interpretada pela psicopatologia fundamental e pela psicanálise, indicando que reside nesta relação uma importância destacável que justifica o intento de uma leitura sobre a genealogia do gozo combinada com a arqueologia dos poderes na cultura.

Como consequência dessa leitura, a violência exhibe suas facetas através da relação que o sujeito mantém majoritariamente através do lugar do saber e do poder que cruzam os sistemas legais, científicos e econômicos e a forma como incidem sobre a relação falta e excesso na vida econômica do sujeito.

O sinal de alerta lançado com essa discussão é que se o poder passa pela experiência, a clínica psicanalítica é convocada a dizer algo sobre a dimensão da territorialidade na construção da subjetividade. É nesse sentido que a experiência do sujeito, seja estabelecendo, rompendo ou retomando desesperadamente um laço social deve ser pensada dentro do território das comunidades, sobretudo para indicar que desejo não é matéria capitalista, pois pertence à outra economia que leva em conta a posição subjetiva de cada um.

Assim, a experiência do poder, tomada pelo campo da falta e do excesso, lança um componente a mais na formação de sintomas, principalmente quando problemáticas narcísicas e esquizóides se relacionam com os acontecimentos sociais e políticos que já desafiavam a Freud, como pode ser visto nas cartas trocadas com Pfister entre 1924 e 1927.

Enfim, é interessante perceber que na perspectiva da relação sujeito e objeto, se faz presente uma experiência ímpar na vida do sujeito, onde os sintomas como anorexia ou a impressão da melancolia, indicam que há a presença inexorável de um corpo. Um recorte narcísico que mostra a presença de um dado de grande valia para a discussão da experiência e do poder, que resulta em efeitos que o sujeito sustenta e que diversos psicanalistas apontam em direção ao pulsional, como forma de rearticulação do sujeito no campo da representação do impossível.

São esses os caminhos que este número apresenta, ao concluir com a apresentação de uma resenha de livro onde o conceito de desterritorialização é o foco principal de uma coletânea sobre estudos migratórios.